

# CHELSEA GIRL

Textos Jorge Calado || Fotografias Rita Barros

A fotógrafa Rita Barros (que vive no Hotel Chelsea, em Nova Iorque) foi escolhida para a exposição "Photography Now – 2011", em Woodstock

**Para um artista** em Nova Iorque não há morada mais apetecível do que o 222 da Rua 23. O Hotel Chelsea foi casa de músicos (clássico, jazz, pop, country, rock e punk), dramaturgos, pintores, fotógrafos, realizadores, atores, etc., e dos respetivos *hangers-on*. Houve quem visse Viva, a superestrela de Warhol, a correr nua pelos corredores e átrio, a fugir do marido; ou Dee Dee Ramone, vocalista e baixista dos Ramones, a divertir-se a furar os pneus dos carros que passavam, com uma pistola de ar. No Chelsea coabitam o sublime, o trágico, o ridículo e o picaresco. Arthur Miller descreveu-o como "um caos tenebroso e otimista". Ramone delineou numa novela autobiográfica, "Chelsea Horror Hotel". José Saramago foi lá instalado nos anos 90, mas fugiu a meio da noite, horrorizado com a sordidez e o barulho. Tal como Veneza, o Hotel Chelsea é uma paisagem fascinante, fermentada e regeneradora, onde apetece viver, criar e morrer.

No apartamento do 10º andar onde Arthur C. Clarke escreveu o "2001 – Odisseia no Espaço" vive, há décadas, uma artista portuguesa — a fotógrafa Rita Barros. Conhecida pelo seu livro de fotografias "Fifteen Years — Chelsea Hotel" (1999) — um desfile de habitantes ilustres do hotel, de Woody Allen a Michel Zolopany, fotografados nos seus ambientes domésticos —, Barros conheceu grande êxito na Paris Photo (2009), levada pela galeria lisboeta Pente 10. A última *accolade* ocorreu em abril, quando foi selecionada por Vince Aletti — o reputado crítico de fotografia do "New Yorker" — por representar o que de melhor e mais original está a ocorrer na fotografia contemporânea. A exposição coletiva de dez artistas "Photography Now — 2011" teve lugar no lendário Center for Photography, em Woodstock, NY. Um bom pretexto para visitar Rita Barros e recapitular a sua carreira.

É sempre com um *frisson* que me aproximo do Hotel Chelsea. O átrio já não tem a arte de outrora, mas a fauna que o frequenta não desmerece. Entrar no apartamento de Rita Barros é saltar para dentro da sua obra. O vermelho é a cor dominante. Reco-

nheço as cortinas, os bibelôs que animam as suas grelhas fotográficas, a vista deslumbrante sobre o sul de Manhattan. Só faltam as Torres Gémeas e o gato preto, "Manel". O que levou uma menina de boas famílias (Magalhães Barros) a vir para Nova Iorque, em 1980, "sem um tostão"... é pergunta que não se põe. Barros admite que "fizera um cursozeco de fotografia nas Belas Artes, ouvira falar do ICP [International Center of Photography], em Nova Iorque, mas não tinha máquina. A minha prática era virtual". Instalou-se numa espelunca na East Village, com a ideia de frequentar uma escola de tradutores ou de secretariado, para adquirir as ferramentas com que ganhar a vida. Aos poucos, foi subindo: Rua 10 (na casa que fora habitada por Mark Twain); Rua 57, quando conheceu o *marchand* Gérard Schreiner — um francês baseado em Basileia que estava a tentar abrir uma galeria em Nova Iorque. Ajudou-o a concretizar o projeto, viveram num vasto *loft* no Soho, viajaram e conheceram mundo.

Rita Barros viveu os seus 'anos 60' no princípio dos anos 80 (outra época áurea), por terras e ilhas da Ásia e da Polinésia (quebrados por regressos rápidos a Lisboa, Basileia ou Nova Iorque). A bordo dum cargueiro, Rita e Gérard conheceram o Taiti, as Tuamutus e as Marquesas e visitaram o túmulo de Gauguin em Atuana; viveram nas Maldivas, na Índia e no Nepal; aventuraram-se por trilhos de montanha, até ao Everest Base Camp; em Ceilão (Sri Lanka), ficaram alojados no hotel onde vivia Arthur C. Clarke (força do destino). Em 1984 regressaram a Nova Iorque e instalaram-se no Hotel Chelsea enquanto não arranjavam um apartamento. Depressa perceberam que tinham encontrado o lar ideal — 27 anos depois, Rita continua no Chelsea.

Cumprida a volta ao mundo, era tempo de assentar. Rita Barros tirou cursos de fotografia, frequentou workshops de Arnold Newman e George Tice e passou a andar com uma máquina. (Mais tarde completaria um bacharelato e um mestrado.) Em outubro de 1987, Tom Waits dava o seu muito antecipado concerto no Teatro Eugene O'Neill, em Nova Iorque. Estava no auge da fama, com o sucesso do álbum "Rain Dogs", a colaboração nos filmes de Coppola e a participação (com John Lurie) no "Down by